



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

OPERAÇÃO PAJUÇARA: A PEDAGOGIA DO MEDO EM AÇÕES REPRESSIVAS NA BAHIA DURANTE A DITADURA MILITAR (1970-1971)

Lúcia Viana dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: luciaviana2014@hotmail.com

José Alves Dias
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: jose.dias@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO

Este resumo analisa a pedagogia do medo aplicada às ações repressivas utilizadas pela Operação Pajuçara durante perseguição a Carlos Lamarca no sertão da Bahia em 1971. O guerrilheiro ficou conhecido pela imprensa brasileira como o ex-capitão do Exército que, após anos de dedicação à instituição, abandonou o posto de capitão para ingressar na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) com o propósito de lutar contra a ditadura.

Carlos Lamarca ingressou na carreira militar aos 17 anos, quando entrou para a Escola Preparatória de Cadetes, em Porto Alegre. Em 1957 foi para a Academia Militar das Agulhas Negras, em Rezende, no Rio de Janeiro e, em 1962 teve a oportunidade de servir como segundo-tenente pela Organização das Nações Unidas na ocupação do Canal de Suez. No Exército, destacou-se como um soldado disciplinado, competente e exímio atirador, dessa forma, aos poucos se ascendeu dentro da instituição, o que resultou em sua promoção a capitão em 1967.

De acordo com os autores Emiliano José e Oldack Miranda (1980), Lamarca revelou que a decisão de ingressar no Exército brasileiro se deu devido a sua crença de que o objetivo daquela instituição seria a de servir ao povo, no entanto, percebeu que a mesma reprimia a população quando esta reivindicava seus direitos. Além disso, em 1957, ao entrar para as Agulhas Negras, Lamarca teve contato com teorias do Partido Comunista, por meio dos boletins informativos que eram deixados debaixo dos travesseiros dos soldados. A junção desses fatores contribuiu para que, o então capitão Carlos Lamarca, deixasse o 4º Regimento de Infantaria de Quitaúna, em janeiro de 1969,

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

levando consigo 63 fuzis e 10 metralhadoras para iniciar um movimento guerrilheiro. Antes de sair do quartel ele enviou Maria Pavan, sua esposa, e os filhos do casal para Cuba.

Logo após deixar o Exército, Lamarca passou a integrar a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e, conseqüentemente, teve que viver na clandestinidade, mudando de esconderijo constantemente. Na organização chegou a participar de diversas ações, dentre as quais, o roubo do cofre do ex-governador Adhemar de Barros e o treinamento de guerrilha realizado no Vale do Ribeira, sendo que esta última mobilizou a repressão empreendida por um grande número de soldados do Exército, porém, os militantes conseguiram fugir do cerco.

Após a morte de Carlos Marighela, em novembro de 1969, Lamarca passou a ser considerado o inimigo número um da ditadura, e eliminá-lo significava uma questão de honra para os militares, pois estes jamais admitiram que um dos seus desertasse. Com o objetivo de acabar de uma vez com o ex-capitão, o Exército planejou a Operação Pajuçara, que foi realizada na região de Buriti Cristalino, sertão da Bahia, onde o ex-militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e agora integrante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) estava escondido após iniciar a propaganda da revolução popular no campo.

Sob o comando do major Nilton Cerqueira, a Operação Pajuçara contou com um efetivo de 215 homens de todos os órgãos de repressão do país, além de forte arsenal militar, tudo isso para caçar um único homem. Conforme relatado pelos autores Emiliano José e Oldack Miranda (1980), a Operação Pajuçara levou até o povoado de Buriti Cristalino um terror nunca visto antes pela população local. E esta foi coagida com violência a entregar o local de esconderijo de Lamarca e Zequinha Barreto que, também, era militante do MR-8 e esteve ao lado de Lamarca nos momentos finais de sua trajetória.

Sendo assim, este estudo tem o objetivo de analisar as ações repressivas praticadas pela Operação Pajuçara na Bahia, em 1971, visto que tais ações são compreendidas como uma estratégia de controle e disseminação do medo na sociedade. Sua relevância acadêmica e social está em demonstrar que a ditadura militar se utilizou da violência e da tortura não só para combater os grupos de luta armada ou punir os cidadãos considerados subversivos, como também utilizaram esses mesmos atos brutais para disseminar o medo

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

e, dessa forma, “disciplinar” a população brasileira a fim de que nenhum cidadão contestasse a ordem então vigente.

METODOLOGIA

A pesquisa sobre as ações repressivas praticadas durante a Operação Pajuçara na Bahia, requer um entendimento sobre o conceito de pedagogia do medo, utilizado pelo historiador Mário Maestri para explicar os castigos físicos empregados para dominar os cativos no período da escravidão, bem como, compreender o conceito da Doutrina de Segurança Nacional, proposto por Maria Helena Moreira Alves.

A pedagogia do medo, de acordo com Mário Maestri, foi muito utilizada durante a escravidão para “enquadrar, condicionar e preparar o cativo à vida sob a escravidão”. (MAESTRI, 2004), ou seja, os castigos físicos tinham a função de “educar” o escravo a viver da forma que lhe era imposta. Trazendo esse conceito para o período da Operação Pajuçara, percebemos que o uso da violência durante a ditadura militar não só era utilizado como punição, mas como estratégia para impor à população os padrões definidos pelo governo. O autor ainda afirma que “O castigo buscava ferir o punido e aterrorizar pedagogicamente a escravaria como um todo”. (MAESTRI, 2004). Da mesma forma, durante a referida operação militar as torturas cometidas em público e os assassinatos tinham a função clara de aterrorizar e controlar a sociedade por meio do medo.

De acordo com Maria Helena Moreira Alves, a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento foi elaborada pela Escola Superior de Guerra (ESG), com a colaboração do IPES e IBAD, tendo como um dos principais teóricos o general Golbery do Couto e Silva. A Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento se constituiu de elementos ideológicos e de diretrizes para infiltração, coleta de informações e planejamento político e econômico de programas governamentais.

A ESG foi fundada em 1949 e coube a ela ministrar a Doutrina de Segurança Nacional, formando e treinando pessoal de alto nível para exercer funções importantes na direção e planejamento da segurança nacional. A teoria mais discutida dentro da Doutrina de Segurança era a de guerra. Existiam vários tipos de conflito, porém, a mais preocupante para a ESG era a revolucionária, que é definida no Manual Básico da ESG como sendo

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

um conflito interno, estimulado por outros países e geralmente inspirado por uma ideologia que intenciona a tomada do poder.

Os grupos de luta armada, que começaram a atuar com mais intensidade no Brasil a partir de 1968, representavam para os militares a iminente ameaça comunista. Embora tivessem algumas diferenças de linha de pensamento, essas organizações tinham em comum o combate ao governo ditatorial. Daí a grande preocupação dos militares em combater o chamado “inimigo interno”, pois de acordo com a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, qualquer cidadão poderia ser suspeito. Era constante a busca pelo controle total da segurança interna, além disso, a DSN estava atrelada ao desenvolvimento econômico do país. Seus articuladores acreditavam que o desenvolvimento econômico do país somente seria possível com o controle total da segurança interna. Isso explica o porquê da acirrada perseguição às organizações de esquerda. Por tais razões, os governos militares não admitiam quaisquer tipos de contestação e estavam dispostos a eliminar qualquer foco subversivo.

A pesquisa utilizou como fontes documentais os seguintes jornais: Folha de São Paulo, Revista Veja e o Estado de São Paulo. Foram selecionados os artigos sobre Carlos Lamarca, referentes ao período de 1970 a 1971, que relatam como a imprensa noticiou a trajetória do guerrilheiro desde sua saída do Exército até sua morte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa ainda são parciais, no entanto, as conclusões até agora obtidas, indicam que a Operação Pajuçara, elaborada pelo Exército brasileiro e comandada pelo major Nilton Cerqueira, utilizou de ações repressivas com o objetivo de aterrorizar a população de Buriti Cristalino e, dessa forma, condicioná-la a obediência. Com a análise da obra de Emiliano José e Oldack Miranda (1980), pode-se perceber que o Exército brasileiro fez uso de considerável número de soldados e armamentos, cometeu assassinato e tortura em público, disseminando o terror entre a população local.

Ao comparar o relato das ações repressivas presente na biografia de Carlos Lamarca com os artigos selecionados sobre ele, é possível notar que as ações violentas praticadas pela Operação Pajuçara foram, muitas vezes, omitidas pela imprensa, ou até mesmo noticiadas de forma que não denunciasse o que realmente ocorreu naquela região.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

O que se percebe é que os jornais do período contribuíram para construir uma memória negativa do ex-capitão, uma vez que as notícias relacionadas a ele estavam carregadas de adjetivos depreciativos como, por exemplo, “terrorista”, “traidor da pátria”, “criminoso”, em contrapartida, nota-se uma grande ênfase a eficiência do Exército durante a Operação Pajuçara, apresentada como mais uma vitória dos militares sobre os “terroristas”.

CONCLUSÕES

Com a análise dos artigos selecionados dos jornais, referentes à trajetória de Carlos Lamarca, juntamente com o estudo de sua biografia, pode-se perceber que a Operação Pajuçara, - elaborada com o fim de caçar e eliminar o ex-capitão quando este se encontrava no Sertão da Bahia - utilizou de ações violentas com o objetivo de controlar a população local por meio da disseminação do medo a fim de obter o apoio dos moradores.

A pesquisa tem possibilitado perceber que a imprensa não só contribuiu para a formação de uma memória negativa de Carlos Lamarca, como também colaborou para controlar a população brasileira por meio da disseminação do medo, uma vez que a ditadura mostrava-se cada vez mais implacável contra as organizações de esquerda. Embora os jornais do período estivessem sob censura e nunca mostrassem de fato à realidade das torturas e assassinatos, ainda assim, quando noticiavam as mortes dos guerrilheiros e exaltavam as vitórias dos militares, a imprensa revelava a eficiência do poder ditatorial sobre os cidadãos que ousassem se rebelar, dessa forma conseguiram intimidar e controlar a sociedade por meio do medo.

A Operação Pajuçara deixou marcas profundas na população de Buriti Cristalino, visto que, as ações repressivas praticadas e a imagem de Carlos Lamarca e Zequinha Barreto, com os corpos cravados de balas, divulgadas na imprensa, foram suficientes para silenciar a população e demonstrar o poder repressivo do Estado.

PALAVRAS-CHAVE: Operação Pajuçara; Repressão; Ditadura Militar.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

REFERÊNCIAS

JOSÉ, Emiliano; MIRANDA, Oldack. **Lamarca: o capitão da guerrilha**. SP: Global, 1987.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

MAESTRI, Mário. **A pedagogia do medo: disciplina, aprendizado e trabalho na escravidão brasileira**. In: Maria Stephanou; Maria Helena Câmara Bastos. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil. Séc. XVI-XVIII**. Petrópolis, RS: Editora Vozes, 2004, v. 1, p. 192-209.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO